

## Raízes Ocultadas

**Adriel Marques Nunes** (Universidade Federal de Minas Gerais)

**Francisco Santana Novaes de Assis** (Universidade Federal de Minas Gerais)

**Tamires Batista Silveira** (Universidade Federal de Minas Gerais)

**Palavras-chave:** Culturas. Conhecimento. Museu. Linguagens. Oficina.

### RESUMO

O Espaço do Conhecimento UFMG é um espaço de divulgação científico-cultural localizado em Belo Horizonte (MG). Dentre suas exposições, encontra-se a "Demasiado Humano", que aborda as origens, evolução e trajetórias humanas. Nesta exposição são realizadas ações educativas para públicos de todas as idades. Este trabalho apresenta o desenvolvimento de oficinas voltadas para o público infantil, onde buscou-se abordar temas relacionados a culturas indígenas e suas influências na cultura brasileira como um todo. O principal direcionamento foi a demonstração da influência do Tupi, usado como língua geral na época da colonização portuguesa, sobre a Língua Portuguesa, idioma oficial desde o século XVIII. A tentativa de desconstruir estereótipos se deu por meio da lúdicode e da aproximação dos temas às realidades dos participantes.

**Keywords:** Cultures. Knowledge. Museum. Languages. Workshop.

### ABSTRACT



The Museu Espaço do Conhecimento UFMG is a scientific-cultural dissemination space located in Belo Horizonte (MG). Among its exhibitions is the "Demasiado Humano", which addresses the origins, evolution and human trajectories. In this exhibition educational actions are held for audiences of all ages. This work presents the development of workshops aimed to children, in which the purpose was to approach themes related to indigenous cultures and their influences on Brazilian culture as a whole. The main direction was to demonstrate the influence of Tupi, used as a general language at the time of Portuguese colonization, on Portuguese Language, official language since the 18th century. The attempt to deconstruct stereotypes occurred through playfulness and the approximation of the themes to the participants' realities.

## 1. INTRODUÇÃO

O Museu Espaço do Conhecimento UFMG é um espaço de divulgação científico-cultural localizado em Belo Horizonte, Minas Gerais. Dentre suas exposições, encontra-se a exposição "Demasiado Humano" que aborda as origens, evolução e trajetória humanas. Nesta exposição são realizadas ações educativas para públicos de todas as idades. O presente trabalho foi desenvolvido por estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando como bolsistas de extensão do museu. O principal direcionamento foi o de conscientizar, aproximar e discutir a presença indígena no Brasil, usando como fio condutor a linguagem.

Alinhados à proposta do Espaço do Conhecimento UFMG, o desenvolvimento de oficinas foi pensado por um grupo interdisciplinar. A multiplicidade de saberes, tanto da equipe do museu quanto dos visitantes, foi levada em conta na formulação do trabalho, desde sua concepção até sua aplicação. Inicialmente composto por dois estudantes de História, uma de Letras e um de Filosofia, e mantendo contato com bolsistas de outras áreas, o grupo se planejou para abranger no trabalho o maior número de áreas do conhecimento.



O desenho do tema se fez a partir de inquietações notadas no trabalho de mediação junto aos visitantes na exposição Demasiado Humano. O desconhecimento acerca da história do Brasil e de nosso idioma era notório entre os visitantes do museu, além da reprodução de estereótipos sobre os indígenas em partes da exposição que abordavam minimamente a questão. Ademais, a pouca presença indígena e a exotificação destes quando presentes despertou no grupo a vontade de desenvolver alguma atividade que visasse a conscientização acerca de tais inquietações e d'esse mais visibilidade ao assunto dentro do museu.

Para isso, optou-se por abranger o eixo histórico, cultural e social estudado nas humanidades, mas atrelado ao viés linguístico. Assim, o intuito foi usar a linguagem não só como objetivo, mas também como o instrumento que impulsiona a discussão proposta. Com este foco, foi pensado o desenvolvimento de oficinas direcionadas ao público espontâneo, principalmente voltadas a crianças de 4 a 12 anos de idade, que promovessem a discussão, diversão, conhecimento e conscientização. Essas oficinas foram aplicadas pelos idealizadores do trabalho em algumas oportunidades, mas também foram registradas para serem repassadas aos demais mediadores para posteriores aplicações, quando estes não estivessem presentes. Além disso, o grupo produziu materiais para uso nas oficinas e que também foram disponibilizados para o uso dos outros integrantes do educativo.

**Imagen 1: Material desenvolvido para as oficinas.**





Fonte:Acervo de imagens do Museu Espaço do Conhecimento UFMG

## 2. Concepção teórica e motivo por se mostrar as influências do Tupi

Analizando historicamente o desenvolvimento da Língua Portuguesa falada no Brasil, é possível observar diversos aspectos da sua configuração atual que são resultados da influência de outras



línguas. No que se trata do léxico, uma das grandes participações se deu a partir da influência indígena, mais especificamente da língua geral<sup>439</sup>.

*Na época colonial, fora dos centros administrativos como, por exemplo, Salvador, a língua geral era mais popular que o português, que se impôs no interior só na segunda metade do século XVIII. Este fato contribuiu para fazer do tupi um elemento constitutivo do português brasileiro, particularmente na terminologia da fauna e flora do Brasil. Está presente em inúmeros nomes de rios e topônimos em todo o Brasil. (DIETRICH, W.; NOLL, V., 2010, p. 82)*

Grande parte dos povos indígenas que viviam na costa brasileira na época da colonização falavam línguas pertencentes ao tronco Tupi. Em decorrência disso, foi feita a escolha por parte dos jesuítas de que o tupinambá seria a língua utilizada por eles para o processo de catequização dos indígenas. Esses indivíduos foram realocados para comunidades construídas em formato parecido com as cidades portuguesas, além disso, povos com línguas diferentes eram obrigados a usar a língua veicular ou língua geral, sistematizada gramaticalmente pelos jesuítas, para todas as atividades do dia a dia e em todos os momentos.

A intenção dos colonizadores era afastar os povos indígenas cada vez mais de suas crenças, e uma estratégia eficaz nesse sentido seria descolar das pessoas elementos que são base de uma cultura. Fizeram uso disso ignorando a grande variedade de línguas indígenas existentes e determinando uma única forma permitida para a comunicação.

Houve diversas outras variantes de língua geral que se desenvolveram no território brasileiro, longe dos grandes centros coloniais. Mas o tupinambá se caracteriza como a língua com influência mais significativa no português falado no Brasil. Entretanto, é preciso salientar que essa influência não se

<sup>439</sup> Espécie de língua franca falada pelos indígenas habitantes do território do que hoje é o interior Norte e Nordeste do Brasil, a partir do século XVII. Derivada do Tupi, foi falada amplamente em espaços de contato entre indígenas e o colonizador português no Norte e

deu com relação a nenhum aspecto da fonética ou da morfologia do português brasileiro, sendo possível observar a influência apenas no léxico e nos nomes, como toponímias, hidronímias, coronímias e antroponímias.<sup>440</sup>

### 3. METODOLOGIA UTILIZADA NA APLICAÇÃO DO TRABALHO

Após levantamento de bibliografia, acompanhamento de aulas e discussões interdisciplinares – tanto do grupo com a equipe do museu quanto no meio acadêmico da UFMG –, desenvolveu-se três modelos de oficinas, ambos voltados para o público infantil, que visavam aproximar o mundo das crianças à temática da cultura indígena e vice-versa, demonstrando a importância e influência indígenas na construção da nação brasileira, usando como principal foco a linguagem.

Partindo do pressuposto de Vygostky (1984), para quem os jogos são considerados estímulos às crianças, tanto em seu desenvolvimento cognitivo quanto para a interação social, tomamos como princípio que o conhecimento é melhor absorvido em experiências lúdicas e de troca mútua. Macedo, Petty e Passos (2005, p.121) afirmam que “jogos de regras e de construção são essencialmente férteis no sentido de criarem um contexto de observação e diálogo, dentro dos limites da criança, sobre processos de pensar e construir conhecimento”.

Assim, a primeira oficina foi composta por uma apresentação sobre os troncos linguísticos das línguas indígenas brasileiras e sobre a influência da cultura indígena no Brasil, seguida de um jogo da memória, produzido pelo grupo, que consistia em relacionar palavras de origem Tupi com imagens que as representavam. À medida que os participantes encontravam as cartas correspondentes, os mediadores explicavam o significado das palavras de acordo com a origem.

---

Nordeste e que começou a ser oficialmente perseguida pelo governo colonial, que tinha como objetivo estabelecer o predomínio da língua portuguesa, no século XVIII. (Navarro, 2012)

<sup>440</sup> Esses são termos que se referem ao léxico de uma língua. Toponímias mais especificamente se referindo a nomes de lugares geográficos; hidronímias sendo sobre nomes de rios ou cursos d’água; coronímias referentes a nomes designativos de continente, país,

O segundo modelo de atividade propunha, além de uma mediação sobre os troncos linguísticos e as influências das culturas indígenas no Brasil, um percurso na forma de um jogo pela exposição “Demasiado Humano”. Os organizadores esconderam cartas que continham imagens e o significado destas em Tupi em lugares da exposição que possuíam assuntos correspondentes ao conteúdo das mesmas. Dada a largada, assim que os participantes achavam uma carta, os mediadores conversavam com os visitantes sobre o significado da palavra encontrada, assim como a origem desta.

O terceiro modelo consistia na mediação de partes da exposição que tratavam sobre indígenas e, após, a reprodução de brincadeiras indígenas. Para finalizá-lo, produziu-se material para a confecção de petecas, com os mediadores explicando os passos e as crianças seguindo-os. Os participantes puderam brincar e levar para casa a peteca feita no museu.

**Imagen 2: Bolsista explicando sobre os troncos linguísticos indígenas**

---

região, etc e antropônimos se referindo aos nomes próprios das pessoas. No português brasileiro todas essas categorias foram amplamente influenciadas por línguas indígenas.





Fonte:Acervo de imagens do Museu Espaço do Conhecimento UFMG

Buscou-se também realizar as oficinas nos mesmos dias em que se fosse transmitir no planetário do museu a sessão “Astronomia Indígena”<sup>441</sup>, a fim de fomentar ainda mais a importância e valorização das culturas indígenas entre os visitantes.

Em todos os modelos se propôs dividir as crianças em dois grupos de número igual e promover o mesmo número de cartas e desafios para ambos. Assim, ao final das atividades, optou-se por não definir ganhadores, pois o objetivo não era fomentar competições, apenas promover a construção de

<sup>441</sup> Seção do planetário, criada pelos Núcleo de Astronomia do Espaço do Conhecimento UFMG, que tem como objetivo principal apresentar como os índios tupi-guarani interpretam alguns agrupamentos de estrelas que hoje chamamos de constelações. A narrativa da seção passa por ressignificar constelações conhecidas, como o cruzeiro do sul, a partir da interpretação que delas faziam os guaranis e relaciona os conhecimentos astronômicos com os conhecimentos guaranis de meteorologia e sementeira ressaltando sua importância cultural.

conhecimentos. Dessa maneira, não houve nenhum tipo de premiação, mas emitimos certificados de participação a todos.

**Imagen 4: Bolsistas e crianças participantes com seus certificados, em uma das oficinas**



**Fonte:**Acervo de imagens do Museu Espaço do Conhecimento UFMG

Os materiais confeccionados, a bibliografia, resumos e objetos utilizados para a aplicação das oficinas ficaram disponíveis para utilização de outros mediadores do museu, visto que a rotatividade de bolsistas é grande e pretende-se levar adiante tal trabalho, mesmo que com outros aplicadores.

#### **4. OS ESTEREÓTIPOS NO IMAGINÁRIO INFANTIL**

O grupo aplicou as oficinas cinco vezes desde que foi idealizada, em maio de 2018, alternando os modelos e, em nenhuma delas enfrentou grandes problemas que fossem incontornáveis.

**4º SE  
BRA  
MUS**

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
**BRASÍLIA.DF**

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

O desafio mais notado foi lidar com as concepções estereotipadas sobre os indígenas que tanto as crianças quanto seus responsáveis que acompanhavam as oficinas apresentavam. Ao contarmos histórias sobre a cosmogonia Maxakali, ou ao se mediar as seções Mercatu Mundi e Fitotoponímia, disponíveis no módulo chamado Vertentes da exposição Demasiado Humano, percebeu-se inúmeras ideias de que os indígenas deveriam estar distantes da cidade ou que, ao se estar num ambiente urbano, estes “deixavam de ser índios”. Além disso, percebeu-se grande desconhecimento acerca dos indígenas, da história dos povos originários do Brasil e da formação da nação brasileira de uma maneira geral.

Contra isso, o grupo optou por questionar os participantes sobre costumes, objetos, brincadeiras, alimentos, palavras e traços culturais e sociais que lhes são comuns, visando promover uma aproximação desses mundos, até então, tão distantes.

Através da extensão universitária promovida pela UFMG, o grupo conseguiu, não só nessas oficinas, mas nas mediações de um modo geral, disseminar o conhecimento produzido na academia para o restante da sociedade. Seja para crianças, adultos ou idosos, a divulgação científica promovida no museu se mostra, de maneira efetiva, na democratização do conhecimento e no combate à desinformação sobre diversos temas.

**Imagen 5: Bolsistas dialogando com os participantes acerca da temática**





Fonte:Acervo de imagens do Museu Espaço do Conhecimento UFMG

Do lado dos organizadores, o maior problema durante a concepção das oficinas e do trabalho de extensão certamente foi a falta de contato com membros das comunidades indígenas, um diálogo importante para que possamos aprender mais sobre as culturas, ouvir as experiências de quem as vivencia todos os dias.

No entanto, espera-se que a vinculação das oficinas e seus conteúdos à nova exposição temporária programada para o final de 2019, que se chamará "Mundos Indígenas", possa resolver esta questão. Esta exposição abordará temas relacionados aos mundos de cinco diferentes culturas indígenas, contadas por seus próprios povos, que serão os curadores. Essa aproximação trará para nós, enquanto um grupo que almeja contribuir com o museu, visando a conscientização dos visitantes com relação às diferentes culturas, embasamentos para nosso trabalho que irão além dos livros e

4º SEBRA MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

discussões acadêmicas, além de um espaço para que os próprios povos possam contar suas histórias. As oficinas desenvolvidas pelo grupo serão reunidas, adaptadas para a nova exposição e ajudarão também na criação e elaboração de outras ações educativas.

**Imagem 3: Bolsista manuseando os materiais que o grupo criou para as oficinas**



Fonte:Acervo de imagens do Museu Espaço do Conhecimento UFMG

## **5. Avaliação dos resultados das atividades sobre o público alvo e equipe de mediadores**

O grupo não realizou nenhum tipo de questionário ou avaliação ao final das oficinas. Optou-se por apenas perguntar aos participantes o que acharam e sentir a recepção dos conteúdos ao longo das atividades. Nestes termos, avalia-se que, em todas as oficinas, as respostas e expectativas foram



positivas, tanto para as crianças questionadas quanto para os responsáveis. Além disso, os conteúdos pareceram ter sido bem absorvidos, especialmente no terceiro modelo de oficina, em que as crianças participantes levaram para casa uma peteca feita por eles mesmos.

Em entrevista à TV UFMG, no dia 10 de julho de 2018, uma acompanhante da criança que realizava a atividade relatou: “essa atividade eu achei sensacional, as crianças estão amando”; nele, também é possível se ter mais informações sobre a oficina e concluir que a recepção e interação do público foi positiva, assim como os conteúdos.

O grupo que organizou esta pesquisa e desenvolveu as oficinas também passou a oferecer formações relacionadas à temática para os outros mediadores do museu, a fim de ampliar o repertório da equipe e propiciar uma mediação mais rica aos visitantes.

## 6. Considerações finais

Através do projeto de extensão, há a oportunidade de trabalhar interdisciplinarmente e em constante contato com o público que está fora da universidade. Importante ferramenta na difusão do conhecimento e na divulgação científica, a extensão universitária se apresenta como uma oportunidade única de se aplicar os conhecimentos obtidos na academia.

Dessa forma, o desenvolvimento do trabalho “Raízes Ocultadas” foi um importante feito na formação dos integrantes do grupo de mediadores que se envolveu. Contribuiu ainda para a divulgação do Espaço do Conhecimento UFMG e da UFMG. Sobretudo, constituiu-se como um passo na busca por uma maior igualdade social, com a valorização e conscientização sobre os povos indígenas.

Através da ludicidade, visando quebrar estereótipos e preconceitos, o trabalho conseguiu acessibilizar conteúdos acadêmicos, culturais e sociais, e disseminá-los entre os participantes das oficinas e a equipe do museu, oferecendo uma experiência divertida e ao mesmo tempo informativa.



Apesar do pouco contato diretamente com indígenas para desenvolvimento das oficinas, o trabalho terá papel importante na formulação de oficinas para a próxima exposição temporária “Mundos Indígenas”. Nessa etapa, o contato com os indígenas será constante e direto, concluindo o que o grupo planejava desde o início, que era fomentar a visibilidade, falar sobre indígenas e suas culturas, mas também ouvi-los. Com isso, acredita-se que o trabalho estará completo e terá grande importância, tanto no meio acadêmico quanto no meio sociocultural. Este trabalho está alinhado à política de inclusão defendida pela UFMG, assim como seus valores.

Assim, pôde-se resgatar, ao menos um pouco, a importância dos povos nativos, suas contribuições, influências, culturas, diversidade e necessidade de respeito a estes e suas terras. Dessa maneira, buscou-se demonstrar estas “raízes ocultadas” ao longo das oficinas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lúcia S; PASSOS, Norimar C. **Os jogos e o lúdico na Aprendizagem Escolar**. 2 ed. Porto Alegre. Artmed, 2005.



TV UFMG. **Cultura indígena é destaque na programação de férias do Espaço do Conhecimento.** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HgZZPs4cy8>>. Acesso em 05/09/2019.

SÓ PEDAGOGIA. **O Lúdico e o Papel do Jogo na Aprendizagem Infantil.** Virtuous Tecnologia da Informação, 2008-2019. Disponível em: <[http://www.pedagogia.com.br/artigos/o\\_ludico/index.php?pagina=1](http://www.pedagogia.com.br/artigos/o_ludico/index.php?pagina=1)>. Acesso em: 05/09/2019.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança.** 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

KISHIMOTO, Tizoto M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a educação.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Cristiane Cimelle da Silva; COSTA, Lucinalva Ferreira da; MARTINS, Edson. **A prática educativa lúdica: uma ferramenta facilitadora na aprendizagem na educação infantil.** Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. n. 10, dez. 2015. ISSN 2175-1773. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n10/ARTIGO6.pdf>>. Acesso em: 05/09/19.

BAGNO, Marcos; CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. **Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do tupi.** (Ilustrações Luiz F. Amorim). 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

DIETRICH, W.; NOLL, V. **O papel do tupi na formação do português brasileiro.** In: \_\_\_. **O português e o tupi no Brasil.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 81-103.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens - Uma breve história da humanidade.** 28. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017. p. 9-84.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português brasileiro: sua formação na complexidade multilingüística do Brasil colonial e pós-colonial.** In: COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (orgs.) **Do português arcaico ao português brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2004, p. 115-137.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil.** 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice de. **A floresta canta! Uma expedição sonora por terras indígenas do Brasil.** 2 edição. São Paulo: Editora Peirópolis, 2014. p. 18-23.



NAVARRO, Eduardo de Almeida. **O último refúgio da língua geral no Brasil.** Estud. av., São Paulo , v. 26, n. 76, p. 245-254, Dec. 2012 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142012000300024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000300024&lng=en&nrm=iso)>. access on 06 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142012000300024>.

4º SE  
BRA  
MUS

SEMINÁRIO  
BRASILEIRO DE  
MUSEOLOGIA  
*BRASÍLIA.DF*

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A  
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940  
ISBN 978-65-87555-00-3

